



O Servo de Deus **JOSEMARÍA**
ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. 1700 LISBOA

Este BOLETIM INFORMATIVO publica-se com aprovação eclesiástica da Sagrada
Congregação para as Causas dos Santos.

BOLETIM INFORMATIVO N.º 6 — LISBOA

Centro e raiz da vida cristã

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer, em Roma, o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e, posteriormente, doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote, a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei; e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, a 16 de Junho de 1950; e, a 28 de Novembro de 1982, foi erigido em Prelatura pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá de Balaguer.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre — como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a sua alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido nos cinco Continentes, e contava com mais de 60 000 membros, de 80 nacionalidades, ao serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos, que sempre viveu e inculcou nos seus filhos Mons. Escrivá de Balaguer.

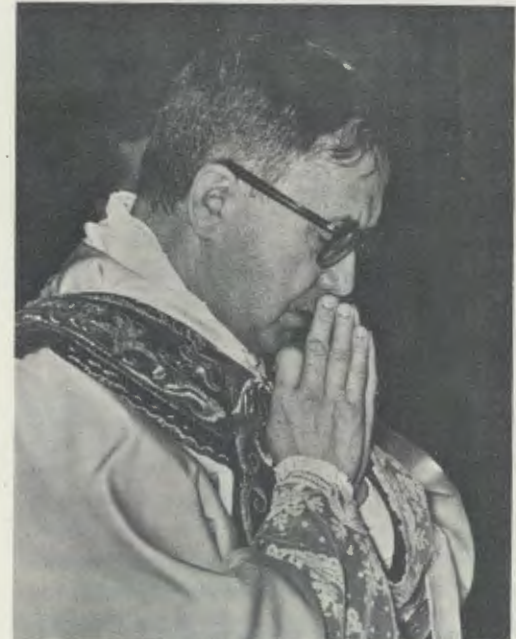
A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria, por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz — Rua Bruno Buozzi, 75. Roma —, continuamente acompanhado pela oração e o agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei. O processo de beatificação e canonização de Mons. Escrivá começou, em Roma, no dia 12 de Maio de 1981.

O Fundador do Opus Dei vivia com fé gigantesca a realidade mais profunda da Santa Missa, renovação sacramental incruenta do Sacrifício da Cruz, realizada pelo próprio Cristo através do sacerdote: **É o Sacrifício de Cristo, oferecido ao Pai com a cooperação do Espírito Santo, oblação de valor infinito, que eterniza em nós a Redenção (1).**

Desde os primeiros tempos do seu ministério sacerdotal, ao começar o Opus Dei, o Servo de Deus referia-se à Missa como **centro e raiz da vida interior**. O Sacrifício do Altar é a fonte e o cume da existência cristã, já que é nesse Holocausto que se oferece ao Pai por nós — e se nos dá como alimento — o próprio Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem. **A Santa Missa situa-nos deste modo perante os mistérios primordiais da fé, porque se trata da própria doação da Trindade à Igreja. Compreende-se assim que a Missa seja o centro e a raiz da vida espiritual do cristão. É o fim de todos os Sacramentos** (cfr. São Tomás, *S. Th.*, III, q. 65 a. 3). **Na Santa Missa, encaminha-se para a sua plenitude a vida da graça, que foi depositada em nós pelo Baptismo e que cresce, fortalecida pela Confirmação (2).**



O Fundador do Opus Dei durante a Santa Missa, em Roma, no dia 21-III-64.

Na Missa, a nossa união com Deus em Cristo abarca todas as expressões do amor — adoração, súplica, agradecimento, reparação — e encaminha-as para a sua plenitude: **Viver a Santa Missa é manter-se em oração contínua, convencer-mo-nos de que, para cada um de nós, este é um encontro pessoal com Deus, em que O adoramos, O louvamos, Lhe pedimos, Lhe damos graças, reparamos pelos nossos pecados, nos purificamos e nos sentimos uma só coisa em Cristo com todos os cristãos (3).**

Ao unir-se à entrega que Jesus Cristo faz de Si mesmo ao Pai para a salvação da humanidade inteira, o cristão aprende a compartilhar as ansias redentoras do Filho de Deus. E brotam na sua alma desejos eficazes de servir o próximo,

Capa: Mons. Escrivá de Balaguer numa tertúlia em Castellldaura, Barcelona (Espanha), no dia 21-XI-72.

unindo ao Sacrifício de Jesus o oferecimento da sua vida, o seu trabalho, as suas alegrias e as suas penas: neste Sacrifício se encerra tudo aquilo que o Senhor quer de nós (4). Neste Sacrifício, o Povo de Deus congrega-se no Amor de Cristo, e todos os cristãos permanecem *consummati in unum* (5), consumados na unidade, formando um só corpo e uma só alma com Cristo na sua Igreja Santa.

A grandeza deste mistério de Amor exige que nos aproximemos do Altar com a alma bem limpa, previamente purificada dos seus pecados através do Sacramento da Penitência. O Santo Padre João Paulo II, ao sublinhar que «na Eucaristia há uma exigência especial de pureza» e ao falar de «aqueles que tivessem um pecado mortal sobre a consciência», reafirmou o ensinamento secular da Igreja: «Então é necessário recorrer ao Sacramento da Reconciliação, a fim de que nos aproximemos dignamente da Comunhão Eucarística» (6).

(1) *Cristo que passa*, n.º 86

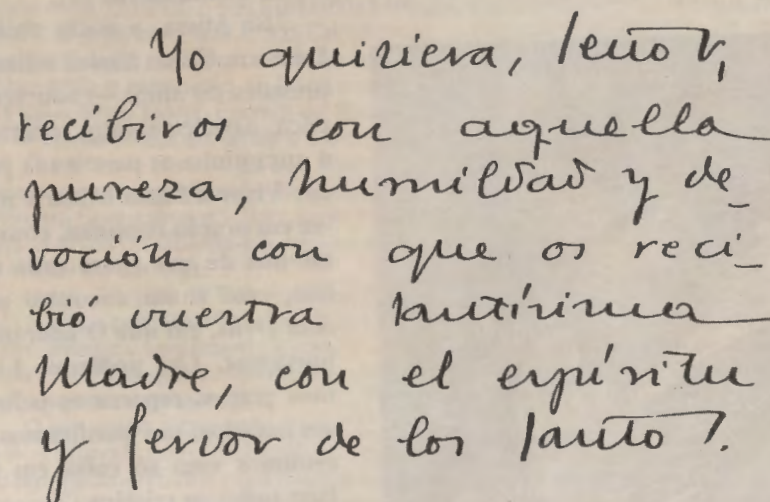
(2) *Ibidem*, n.º 87

(3) *Ibidem*, n.º 88

(4) *Ibidem* n.º 88

(5) *Jo*, 17, 23

(6) *João Paulo II*, audiência geral de 15-VI-1983.



Yo quisiera, Señor,
recibirlos con aquella
pureza, humildad y de-
voción con que os reci-
bió vuestra Santísima
Madre, con el espíritu
y fervor de los Santos.

Texto da Comunhão espiritual que o Servo de Deus aprendeu ao preparar-se para a Primeira Comunhão e que repetiu durante toda a sua vida.

(Tradução portuguesa: «Eu quisera, Senhor, receber-Vos, com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu vossa Santíssima Mãe, com o espírito e fervor dos Santos».)

É Amor! Não há outra explicação. Que insuficientes se tornam as palavras, para falar do Amor de Cristo! Ele rebaixa-se a tudo, admite tudo, expõe-se a tudo — a sacrilégios, a blasfémias, à frieza da indiferença de tantos — como o fim de oferecer, ainda que seja a um único homem, a possibilidade de descobrir o bater de um Coração que salta no seu peito chagado (Sacerdote para a Eternidade, homilia pronunciada no dia 13-IV-1973).

Humildade de Jesus: em Belém, em Nazaré, no Calvário... Porém, mais humilhação e mais aniquilamento na Hóstia Santíssima; mais que no estábulo, e que em Nazaré, e que na Cruz.

Por isso, que obrigação tenho de amar a Missa! (A «nossa» Missa, Jesus...) (Caminho, n.º 533).

Os nossos corações, de si tão mesquinhos, são capazes de viver com rotina a maior doação de Deus aos homens (...). Para corresponder a tanto amor, é preciso que haja da nossa parte uma entrega total do corpo e da alma, pois vamos ouvir Deus, falar com Ele, vê-Lo, saboreá-Lo. (Cristo que passa, n.º 87).

Filho: diz ao Senhor que daqui por diante, de cada vez que celebrares ou assistires à Santa Missa, e administrares ou receberes o Sacramento Eucarístico, o farás com uma grande fé, com um amor que queime, como se fosse a última vez da tua vida (RHF 20133, pág. 10).

Não ama Cristo quem não ama a Santa Missa e quem não se esforça por vivê-la com serenidade e sossego, com devoção e carinho (...). O amor a Cristo, que Se oferece por nós, anima-nos a saber encontrar, uma vez terminada a Santa Missa, alguns minutos de acção de graças pessoal e íntima, que prolonguem no silêncio do coração essa outra acção de graças que é a Eucaristia (Cristo que passa, n.º 92).

Meu filho, pensa agora na Santa Missa: como temos de celebrá-la ou ouví-la. Considera que os Anjos assistem a ela. Pensa que estás a realizar ou a participar numa coisa divina. Repara que, sobre o altar, Cristo se volta a oferecer por ti e por mim. E sentirás um desejo grande de imitar a sua humildade, o seu aniquilamento na Hóstia; e encher-te-ás de acções de graças, de adoração, de desejos de reparar, de súplicas. E oferecer-te-ás, com os braços estendidos, como outro Cristo, *ipse Christus*, disposto a cravar-te no doce madeiro, por amor às almas (RHF 20133, pág. 11).

Deus e audácia

Desde o dia 2 de Outubro de 1928, data da fundação do Opus Dei, Mons. Escrivá de Balaguer entregou-se plenamente a uma profunda tarefa de formação espiritual e apostólica das muitas pessoas (operários, estudantes, artistas, intelectuais, sacerdotes) que o Senhor ia pondo no seu caminho.

Um dos seus apostolados preferidos, naqueles anos, era o apostolado com estudantes universitários, porque tendo de chegar a todas as camadas da sociedade, como era manifesta Vontade divina, deu-se conta de que com jovens universitários poderia realizar esse programa mais rapidamente. Conversava com eles pelas ruas de Madrid ou reunia-os na casa da sua mãe. Quando se ausentavam da cidade, em época de férias, continuava essa tarefa por correspondência. Eis aqui, por exemplo, umas linhas de uma carta dirigida a um daqueles rapazes:

Tem absoluta confiança com Jesus. Fala-lhe, como sendo quem é, um Amigo íntimo. Conta-lhe as tuas coisas e as nossas coisas. Passa-nos em revista a todos: aos «velhos» e aos novos... e a todos os que hão-de vir, até ao fim dos séculos. Persuade-te de que te ouve, porque é verdade. Enche-te de fé. De fé e de Amor. Invoca Nossa Senhora e S. José, nosso Pai e Senhor. Tem sempre uma convivência afectuosa com o teu Anjo da Guarda. Tudo isto é devoção firme e sólida. Se alguma vez (ou muitas vezes) estás seco e árido, diante do Sacrário, sem saber o que dizer a Jesus..., faz-lhe a guarda: persevera como de costume, sem tirar um minuto: fiel, como um cãozinho aos pés do seu dono (1).

No ano de 1933, quando já tinha conseguido reunir um bom grupo de universitários,



Na sobreloja deste edifício de Madrid, na rua Luchana, teve a sua sede a Academia DYA, de fins de 1933 até aos começos do ano lectivo de 1934-35.

decide-se a procurar um lugar onde pudesse dar-lhes uma formação mais intensa e continuada, e que fosse, além disso, um instrumento para chegar a mais gente. Assim, e não sem grandes dificuldades de toda a espécie, no mês de Dezembro desse ano abre em Madrid a Academia DYA, num modesto andar da rua Luchana.

Instalou-se aquele Centro com objectos e móveis trazidos por D. Josemaría de casa da sua mãe, ou generosamente oferecidos por outras pessoas; mas contava com pouca mobília. Talvez algum dos que por ali passavam, vendo a placa à entrada, se interrogasse acerca da origem do nome da Academia DYA. O Fundador havia adoptado para essa iniciativa um lema apostólico: **Dios y audacia!** (Deus e audácia!). E, como comenta Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei: «Das iniciais destas três palavras formou o Padre o nome da primeira casa, que foi também o mesmo da primeira Residência, a da rua Ferraz: DYA. E não faltavam pessoas que traduziam o nome por: «Derecho y Arquitectura» (Direito e Arquitectura). O Padre em muitas ocasiões sorria e deixava passar, enquanto seguramente levantava o seu coração ao Senhor usando essas palavras como jaculatória: Deus e audácia!» (2).

Na Academia, ensinavam-se os estudantes

a trabalhar com intensidade, a formarem-se espiritual e profissionalmente, para estarem em condições de desenvolver um fecundo trabalho cristão de serviço à Igreja e à sociedade.

D. Josemaría entregou-se com total empenho a esta tarefa, dedicando-lhe grandes esforços e muitíssimas horas. Ensinava esses rapazes a viver a ordem, a aproveitar o tempo, a estar alegres, a ser sinceros e piedosos, a amar o sacrifício que o cumprimento fiel do dever encerra... Num pequeno gabinete de trabalho singelamente mobilado, recebia D. Josemaría os muitos que ali acorriam em busca de conselho e orientação. De uma das paredes pendia uma cruz de madeira, sem crucifixo; e o sacerdote explicava-lhes, às vezes, o que mais tarde deixou escrito em *Caminho*: **Quando vires uma pobre Cruz de pau, só, desprezível e sem valor... e sem Crucifixo, não esqueças que essa Cruz é a tua Cruz: a de cada dia, a escondida, sem brilho e sem consolação..., que está à espera**



O Servo de Deus com alguns estudantes de DYA.

do Crucificado que lhe falta. E esse Crucificado tens de ser tu (3).

Além desta direcção espiritual praticada em conversas pessoais, dava-lhes também aulas de formação apostólica e confessava-os. Ao chegarem as últimas horas da tarde, que era quando os estudantes costumavam ir em maior número pela Academia, o Servo de Deus, que já havia preenchido o seu dia com o muito trabalho sacerdotal que o ocupava, disfarçava alegremente o seu cansaço, para se dispôr, imediatamente, a atender esses jovens. Como o espaço, na Academia, não era muito, via-se obrigado, por vezes, a ceder o seu quarto para outras actividades, e a ir confessar para a cozinha do andar, que não se utilizava como tal; e dizia-lhes, com bom humor, que aquilo lhe parecia uma catedral, mercê dos muitos que se vinham confessar.

Havia somente umas semanas que se tinha aberto a Academia DYA quando o Fundador, no dia 5 de Janeiro de 1934, reuniu várias pessoas que colaboravam nessa empresa apostólica e lhes expôs a ideia de ampliar o trabalho, inaugurando uma nova sede para a Academia e abrindo, além disso, uma residência universitária para o próximo ano académico de 1934-35. A algum dos presentes o projecto pareceu uma loucura, dadas as muitas dificuldades com que já tropeçavam: qualquer coisa como atirar-se de um quinto andar com um guarda-chuva a servir de pára-quadras. Mas o Fundador, atento ao seu lema apostólico, havia meditado bem no abismo que separa os projectos humanos dos divinos: **Deus e audácia! Audácia não é imprudência. Audácia não é temeridade (4).**

Continuou, dia após dia, a entregar-se à formação desses estudantes, dentro e fora da Academia, por meio de colecções, de visitas a pobres e doentes, da catequese para crianças... Pelo que escreve a um dos rapazes da DYA, não são difíceis de imaginar os temas em que insistia mais: **Agora, o principal: 1. a oração: na tua próxima carta, com simplicidade, fala-me da tua oração. 2. Pro-**

curas cravar-te na Cruz de Cristo, cada dia um pouco, fazendo vida de expiação? Não desprezes as coisas pequenas: são as que precisamente te pede o Senhor. 3. Estudo. Quantas horas consegues? (5).

Os desvelos de D. Josemaría não se interrompiam sequer durante as férias estudantis do Verão, pois continuava a fazer chegar aos rapazes, por meio de cartas, o seu alento apostólico. De umas cartas suas de Agosto de 1934 são estas linhas: **Procura não afrouxar na tua vida de piedade: sobretudo muita presença de Deus; e: Oração: que alegria me dás, quando me contas que «açambarcas» orações de grandes e de pequenos! És da mesma massa que eu. Deus te abençoe (6).**

Em finais de Setembro de 1934 conseguiu alugar três andares na rua de Ferraz, n.º 50: dois no segundo piso (onde se instalaria a Residência de Estudantes), e outro no terceiro (para onde iria a Academia). De forma que, nove meses volvidos sobre a reunião do dia 5 de Janeiro, em que se havia qualificado de imprudente loucura o seu propósito de mudar para uma casa maior, o Fundador podia oferecer àqueles que o seguiam este conselho sobrenatural, referendado pela sua experiência: **Não faças caso. Sempre os «prudentes» têm chamado loucuras às obras de Deus. Para a frente! Audácia! (7).**

A Academia-Residência DYA entrou em funcionamento no mês de Outubro de 1934. Assim o anunciava D. Josemaría a D. Francisco Morán, Vigário Geral da diocese de Madrid: **Começou o ano académico na DYA, e anseio pelos muitos frutos sobrenaturais e de cultura e formação católica que hão-de obter-se nesta Casa. Tenho esta esperança segura, porque os fundamentos do nosso trabalho são a oração e o sacrifício. Posso afirmar -e não exagero- que estes nossos rapazes são heróicos. Se visse como colaboram com o seu trabalho pessoal-assistentes da Universidade sentados no chão; engenheiros pintando paredes; advogados, médicos acabados de formar e estudantes (dos que estudam) suprimindo os carpinteiros - e**



Neste edificio da rua Ferraz, n.º 50 (Madrid), a partir de 1934, ocupou a Residência DYA dois andares do penúltimo piso; a Academia estava noutra andar do último piso.

como entregam as suas poupanças para este apostolado! (8).

Foram muitas as dificuldades por que passou o Servo de Deus. As facturas, que não sabia como pagar, acumulavam-se; foi lento e difícil conseguir residentes; D. Josemaría teve que se encarregar pessoalmente durante largas temporadas do serviço de limpeza...

O Servo de Deus tirava força interior ao convívio com Jesus Sacramentado: no oratório da Academia-Residência, que tanto lhe custou instalar, e onde disse a primeira Missa a 31 de Março de 1935, passava junto do Senhor longas horas do dia e da noite. Foi o primeiro Centro do Opus Dei em que se instalou um Sacrário, pelo qual o Fundador vinha suspirando desde o dia 2 de Outubro de

1928. Isto mesmo transparece numa das suas cartas, em que comunica tão ansioso acontecimento ao Vigário da diocese: **Por fim, como tive a honra de dizer a V. R. pelo telefone no Sábado passado, no Domingo seguinte -anteontem- celebrou-se a Santa Missa, no Oratório desta Casa, e ficou Sua Divina Majestade Reservado, deixando-nos bem satisfeitos os desejos de tantos anos (desde 1928) (9).**

Deus premiava a sua constante oração e duríssimas mortificações corporais, o seu empenho e entrega na formação desses universitários fazendo florescer o seu apostolado, apesar de ter que lutar infatigavelmente contra a falta de tempo e contra o ambiente difícil que a Espanha atravessava naquela época.

Paralelamente, o Servo de Deus dirigia o fecundo trabalho de direcção espiritual, que fazia do seu confessionário na Igreja do Patronato de Santa Isabel, no sentido de comunicar este mesmo espírito a mulheres. Daqui saíam as primeiras vocações para a Secção Feminina do Opus Dei. Nos primeiros meses de 1936 já pensava ampliar o número de Centros em Espanha, ao mesmo tempo que sonhava com outros países.

A pequena semente que o Senhor havia depositado na alma do Fundador tinha lançado raízes noutros corações, nos quais se realizavam estas palavras do Servo de Deus: **Quanto mais perto de Deus está o apóstolo, mais universal se sente; e dilata-se-lhe o coração para que caibam todos e tudo no desejo de pôr o universo aos pés de Jesus (10).**

- (1) Carta, 25-I-1932
- (2) RHF 21504, n.º 110, nota 81
- (3) *Caminho*, n.º 178
- (4) *Ibidem*, n.º 401
- (5) Carta, 14-I-1934
- (6) Carta, VIII-1934; e 20-VIII-1934
- (7) *Caminho*, n.º 479
- (8) Carta, 30-X-1934
- (9) Carta, 2-IV-1935
- (10) *Caminho*, n.º 764

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus membros, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão, no mundo e na sociedade.

...o apostolado essencial do Opus Dei — em palavras do seu Fundador — é o que cada membro realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 84).

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

UNIVERSIDADE DE PIURA

Piura é uma bela cidade peruana, capital do Departamento do mesmo nome, situada a mais de mil quilómetros a norte de Lima. De clima quente e seco, a sua principal riqueza reside na agricultura, ainda que, actualmente, projectos de largo alcance estejam transformando num florescente centro industrial e educativo.

Num areal, que só produz alfarroba, nasceu em 1968 a Universidade de Piura, fruto da convergência de um duplo empenho: por um lado, a iniciativa apostólica de um grupo



Um edifício da Universidade.

de membros e Cooperadores do Opus Dei, que queriam dar uma resposta cristã às necessidades educativas e de desenvolvimento da zona; por outro lado, o interesse e a colaboração da cidade. Num **campus** de cento e trinta hectares recortam-se agora as silhuetas brancas dos edifícios universitários.

O Fundador do Opus Dei foi o primeiro Grão Chanceler desta Universidade. Assim se exprimia em 1974, durante um encontro em Lima, com pessoas relacionadas com este trabalho docente:

Amo a Universidade, e toda a população de Piura. Quero com predilecção ao professorado, aos estudantes, aos empregados e a todos. É uma obrigação minha, porque sou o Grão Chanceler(...). A Universidade de Piura é um grande bem para as almas, para as inteligências, para o povo inteiro do Peru...

As pessoas aplaudiram, mas o Padre esclareceu logo a seguir:

Esses aplausos são para o professorado. Esses aplausos são para os alunos, que não fazem nunca, jamais, uma greve. Porque haveríeis de fazer greve? Porquê? O professorado e os alunos não são duas forças opostas. São forças que puxam na mesma direcção o mesmo carro, com um espírito de sacrifício maravilhoso. De modo que temos de pensar que, com a bênção de Deus, esse trabalho se acrescentará, aumentará: iremos instalando todas as Faculdades...(1).

São palavras significativas do constante alento que o Fundador infundiu nessa empresa universitária. Com base nessa orientação se construiu um projecto educativo que corresponde às exigências da região, e em particular à procura de profissionais bem preparados. Os mais de mil e quinhentos estudantes da Universidade repartem-se, actualmente, pelas Faculdades de Artes Liberais, Ciências da Engenharia, Engenharia Industrial, Ciências da Informação e Administração de Empresas. Além dos cursos académicos normais, a Universidade criou um Serviço de Extensão Cultural que desen-



O Servo de Deus em Larboleda, próximo de Lima (Peru), no dia 29-VII-74: na tertúlia participaram vários professores e alunos da Universidade de Piura.

volve programas para profissionais da zona, em diversos ramos: Indústria, Comércio, Ensino Médio, Economia... e a localização geográfica de Piura permitiu criar também programas educativos e culturais, de carácter internacional, no âmbito do Pacto Andino.

A Universidade proporciona a todos os estudantes uma formação completa, cristã, científica e humana ao mesmo tempo: num clima de liberdade e responsabilidade pessoal, de convivência e de intensa colaboração, cada um se vê estimulado a pôr os seus esforços e capacidades ao serviço dos outros. Eis um dado que avaliza o propósito de formação integral dos universitários: a proporção entre professores e alunos é de um para nove, de maneira que todo aquele que entra para a Universidade tem assegurada a assistência directa de um professor até finalizar os estudos.



No Laboratório de Química

Só 13% dos estudantes pagam as propinas na sua totalidade. Uma pequena percentagem paga um montante reduzido. A maior parte recebe ensino gratuito, dada a sua precária condição económica. A Universidade procura, portanto, apoio na generosidade de muitas pessoas; a isto soma-se o trabalho que as oficinas de Engenharia oferecem às empresas.

Bastam estes dados para vislumbrar a transcendência do trabalho de promoção humana e cristã que a Universidade de Piura se propôs, sob o impulso do seu primeiro Grão Chanceler. Um facto recente manifesta-o: durante a primeira metade do ano de 1983, fortes temporais devastaram esta região do Peru. A cidade viveu durante meses numa situação de emergência. A própria Universidade ficou parcialmente inundada. Foi a ocasião de pôr ao serviço dos outros os conhecimentos dos professores, o entusias-

mo dos alunos e as oficinas universitárias, através de um Comité de Emergência que canalizou as ajudas enquanto durou aquela situação desastrosa. Era a materialização de um ensinamento constante do Fundador do Opus Dei:

É necessário que a Universidade forme estudantes com uma mentalidade de serviço: serviço à sociedade, promovendo o bem comum com o seu trabalho profissional e com a sua actuação cívica. Os universitários necessitam ser responsáveis, ter uma sã inquietação pelos problemas dos outros e um espírito generoso que os leve a enfrentar estes problemas, e a procurar encontrar a melhor solução. Dar tudo isso ao estudante é tarefa da Universidade (2).

(1) RHF 20771, págs. 336-339.

(2) *Temas Actuais do Cristianismo*, n.º 74.

Escrevem-nos

O TUMOR DESAPARECEU

Vivemos em Juanacatlán, uma povoação que fica a uma hora de Guadalajara. A minha irmã tinha um tumor canceroso e foi internada num hospital de Guadalajara.

Passou lá uma temporada, durante a qual nós, seus familiares, revezando-nos, a íamos atendendo; mas ela foi piorando, de tal modo que o médico acabou por nos chamar e dizer que não havia nada a fazer: não podia operá-la e era preferível levá-la para casa para morrer «tranquila».

Ficámos muito preocupados, mas não perdemos a esperança de que Mons. Escrivá de Balaguer fizesse um milagre e, desde essa altura, começámos a pedir-lhe com mais força para que intercedesse pela sua cura.

No dia em que a trouxemos para casa, passou muito mal e não conseguiu dormir. No dia seguinte, pedimos ao pároco que lhe levasse a Comunhão, mas ela não conseguiu engolir nem uma gota de água e muito menos a Hóstia, mesmo muito pequena. Custava-nos imenso que morresse sem poder comungar e por isso continuámos a rezar ainda mais intensamente. Decidi pôr-lhe a estampa com a oração para a devoção privada ao Servo de Deus directamente sobre o tumor: adormeceu logo a seguir e dormiu durante duas horas. Quando acordou, pediu um pouco de leite, que conseguiu engolir perfeitamente. Depois voltou a adormecer e dormiu mais tempo. Quando voltou a acordar, pediu uma refeição completamente normal. Já não tinha dores e quando apalpei o lugar onde antes se notava perfeitamente um tumor grande, este tinha desaparecido completamente.

Fomos ao médico que tinha prognosticado a sua morte. Ele assustou-se quando a viu e disse-lhe claramente que estava convencido de que ela já tinha morrido.

M.C.S., Juanacatlán (México)

NÃO PASSOU DE UM SUSTO

O meu filho mais velho foi picado na mão por uma aranha da variedade «funnel-web», quando estava deitado. Esta aranha é uma das mais mortíferas do mundo e pouco antes tinham morrido várias pessoas, adultos e crianças, por picada da «funnel-web».

O efeito imediato da picada foi uma dor muito intensa, que o fez dar fortes gritos. A mão e o antebraço incharam rapidamente. Apanhei a aranha, meti-a num frasco, e levámos a toda a pressa o meu filho e a aranha ao hospital distrital. Durante esse tempo, estivemos a rezar continuamente a Mons. Escrivá, esperando que tudo corresse bem.

No hospital disseram-nos que a aranha era uma «funnel-web» macho, e que o seu veneno era seis vezes mais mortífero que o da fêmea, e o mais tóxico do mundo. No hospital não tinham nenhum caso semelhante que tivesse sobrevivido.

Entretanto, o meu filho foi internado e, pouco depois, a dor e os sintomas começaram a desaparecer. Depois de três horas de observação, teve alta, sem ter feito nenhum tratamento médico.

Os médicos não encontraram nenhuma explicação satisfatória para o facto. Nós atribuímos este resultado à intercessão de Mons. Escrivá.

J.A.W. (Austrália)

UMA PERGUNTA OPORTUNA

Devido a diversas circunstâncias familiares e ao meu pequeno rendimento, cheguei a encontrar-me numa situação económica bastante difícil. Recorri, nessa altura, a Mons. Escrivá, cuja memória encontrei casualmente numa igreja. Hoje visitei uma pessoa conhecida, já de idade, sem a menor intenção de lhe falar das minhas preocupações. Pouco antes de me despedir dela, perguntou-me de repente: Não precisas de dinheiro?

Fiquei momentaneamente sem fala. Deu-me 500 xelins.

Não é uma pessoa religiosa, mas eu estava tão contente que lhe contei que tinha feito uma novena, e tive de lhe explicar em que consiste. Ao entregar-me o dinheiro, disse-me: Dar-te-ei alguma coisa regularmente.

H.K., Viena (Áustria)

ERA HUMANAMENTE IMPOSSÍVEL ENCONTRÁ-LA

Estando um dia na praia, caiu-me uma lente de contacto, quando a estava a colocar. Como havia muito vento, parecia-me impossível encontrá-la porque podia ter voado para longe. Eu e as minhas amigas começámos a pedir a intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer com insistência, quando, de repente, veio uma onda que cobriu de água a zona em que estávamos.

Quando eu já considerava impossível achar a lente, uma das minhas amigas, mfope e naquele momento sem os óculos, encontrou-a.

Estava muito longe do sítio onde a tinha deixado cair e, além disso, não estava arranhada nem ao de leve, apesar de ter estado praticamente coberta de areia.

M.B. (Peru)

ENCONTROU A MOTORIZADA

Para as minhas viagens para a Faculdade e para me deslocar pela cidade, costumo usar uma motorizada que é muito económica e me permite poupar tempo em transportes.

Durante três dias não pude usá-la porque houve umas fortes chuvadas. Quando a seguir a fui procurar à garagem onde costumo guardá-la, observei com grande espanto que não estava lá a motorizada.

Interrogando os vizinhos e as empregadas que limpam a garagem, vim a saber que tinham visto um estranho a sair do prédio com uma motorizada, que pela descrição era a minha.

Durante aquele dia, pelos contratempos originados pela falta do veículo, não consegui um momento para avisar a Polícia. Além disso, parecia-me impossível encontrar, numa cidade de mais de meio milhão de habitantes e depois de quatro dias, uma motorizada de modelo tão frequente como aquele.

No dia seguinte resolvi ir à Esquadra da Polícia. Mal me pus a caminho comecei a rezar a oração da memória, pedindo ao Fundador do Opus Dei que me fizesse recuperar a motorizada. Ia a atravessar uma praça com um pequeno jardim quando terminei a oração, e, não tinha andado mais do que uns passos, vi através de um arbusto escondida entre dois automóveis uma motorizada igual à minha, mas que pela distância a que estava não podia reconhecer com toda a certeza. Aproximei-me e verifiquei que era a que me tinham roubado; ali estava, de certo há vários dias, em

perfeito estado e sem que ninguém lhe tivesse pegado. Tão espantoso como isto, tinha sido eu vê-la apesar de tão escondida num canto perdido de um jardim por onde raramente passo. Por isso tenho a certeza de que foi um milagre conseguido por intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer.

J.M., Porto (Portugal)

Sofro uma dolorosa doença de hérnia há mais de um ano. Algumas vezes a dor era mais forte e impedia-me de trabalhar. Um dia, em que estava pior, apareceu em minha casa uma pessoa idosa que me deu o **Newsletter** de Mons. Escrivá e se foi embora. Li-o e vi os favores que lá se publicavam. Rezei a Deus, com grande confiança, por meio da poderosa intercessão de Mons. Escrivá. No dia seguinte, quando acordei, estava bem e agora posso fazer qualquer trabalho pesado.

Estou muito agradecido ao meu amável e compassivo Padre Mons. Escrivá.

A.S.F., Tuticorin (Índia)

Um tio meu adoeceu gravemente e foi internado num hospital. Já não o via há muitos anos, mas sabia que era indiferente em matéria religiosa, e concretamente em relação à Confissão.

Comecei a rezar por ele por intercessão de Mons. Escrivá, pedindo-lhe que não o deixasse morrer sem se confessar e sem receber os últimos Sacramentos. Fui visitá-lo quase todos os dias. Pouco a pouco começou a rezar, depois de muitos anos sem o fazer. Dei-lhe a **Hoja Informativa**. Os seus familiares também pediam por ele a Mons. Escrivá.

No dia em que lhe levámos um sacerdote, resolveu confessar-se e recebeu a União dos Doentes plenamente consciente.

Morreu oferecendo a Deus todos os seus sofrimentos, e suportando todas as dores com muita paciência e sem se queixar.

X.X., São José (Costa Rica)

Um dos meus netos bateu com a testa na armação metálica do berço e fez um corte profundo, com duas polegadas, que começou a sangrar abundantemente. A mãe assustou-se tanto que não foi capaz de fazer mais nada senão chorar. Tirei rapidamente a estampa de Mons. Escrivá da carteira e coloquei-a na cabeça da criança, rezando ao mesmo tempo a Deus, por intercessão do Servo de Deus, para que aquela tremenda hemorragia parasse rapidamente. A ferida parou imediatamente de sangrar e podemos levá-lo ao hospital para o cirurgião lhe coser a ferida, depois de o anestesiarem. Via-se a carne, mas já não sangrava.

A.H. (Singapura)

Durante três anos e meio estive a rezar a Mons. Escrivá por um assunto que me preocupava muito. A minha filha estava apaixonada por um rapaz divorciado e, por mais que eu lhe explicasse que estava a cometer um erro, não havia maneira de desistir do propósito de se casar com ele. Eu continuava a pedir a Mons. Escrivá que lho fizesse compreender, mas a situação parecia cada vez mais difícil: a data do casamento estava já marcada. Quando só faltava um mês, ela rompeu o noivado, sem sabermos porquê. Não podemos explicar como pode ter acontecido o que julgávamos impossível. Temos a certeza que o devemos à poderosíssima intercessão de Mons. Josemaría Escrivá.

X.X., Columbia (Estados Unidos)

Há dois anos que queria ser católica. Quando estava para me baptizar, o meu pai opôs-se dizendo que nenhum membro da sua família seria católico. E quando o meu pai diz que não, é mesmo não. Não havia modo de aceitar a minha decisão. Na mesma altura, ele passava por uma situação difícil, porque tinha um assunto em tribunal.

Uma amiga minha aconselhou-me a deixar a memória de Mons. Escrivá debaixo da almofada da cama do meu pai. Rezei também a oração da memória, para que ele mudasse de opinião.

Passados dois meses, o meu pai chamou-me para me dizer que não se opunha a que eu fosse católica. Recebi o Baptismo na Igreja Católica e o meu pai, até aí sempre contrário à Igreja, assistiu à cerimónia e à Missa.

O assunto do tribunal levou-o a meter-se na bebida. Rezei muito a Mons. Escrivá e ofereci sacrifícios. O meu pai andava, nessa altura, a estudar para uns exames, que fez pouco depois. Ficou aprovado em todos eles. Desde então deixou de beber e empenhou-se ainda mais nos seus estudos.

D.N., Nairobi (Quénia)

Várias vezes tenho recorrido a Mons. Escrivá de Balaguer para por mim interceder junto de Deus. Desta vez, voltei a ser ouvida.

Faz agora exactamente um ano que começou o processo de divórcio de um irmão meu, casado há 17 anos. As guerras e os desentendimentos entre meu irmão e minha cunhada eram enormes e mesmo depois do processo de divórcio ter começado, elas não pararam.

Foram ao tribunal duas vezes e faltava apenas irem uma terceira, para que o processo fosse dado como terminado. Essa última sessão deveria ter sido no passado mês de Abril. Deu-se porém o inesperado! Quinze dias antes, eles encontraram-se com o intuito de resolver alguns problemas pendentes e as coisas começaram (para espanto de todos!) a tomar novas proporções.

Antes disso, eu via tudo tão negro que pedia a Mons. Escrivá de Balaguer que, pelo menos, não deixasse que houvesse um divórcio litigioso. Mas ele tinha algo mais importante para me dar: a reconciliação. É verdade! No dia em que deveria ser assinado, finalmente, o divórcio, Deus quis que fosse pedida a anulação do mesmo. As pessoas que assistiram ao desencadeamento de tudo e às desavenças que ocorreram durante um ano estão estupefactas. Eu... não estou, porque sei quanto pedi ao Fundador do Opus Dei, pelo que muito grata ficaria se esta graça pudesse ser publicada.

X.X., Lisboa (Portugal)

Sentia há algum tempo uma dor muito forte no peito e na parte inferior do abdómen. Recorri à intercessão de Mons. Josemaría Escrivá e pedi-lhe que me curasse o corpo e que, espiritualmente, me aproximasse mais de Deus.

Um dia acordei com uma sensação de bem-estar que nunca tinha experimentado. A dor no peito tinha desaparecido, bem como um inchaço que me apouentava. Esperei uma semana inteira sem dizer nada a ninguém, porque queria ter a certeza. Posso confirmar que não voltei a sentir nenhum incómodo. Estou certa que foi Mons. Escrivá. Não duvido que é um santo e que será canonizado rapidamente.

X.X. (Nigéria)

Tenho trinta e cinco anos e casei-me aos dezoito. Desde então começou o meu inferno na terra. O meu marido era alcoólico e eu só o soube depois de me casar, porque ele foi muito cauteloso e ocultou-me o seu vício. Bebia demasiado e chegava a casa muito embriagado. Era muito difícil suportá-lo.

Temos três filhos e ninguém sabe os dias terríveis por que passámos. Quando o meu marido estava bem, chorava e pedia-lhe que mudasse de vida e não bebesse, pois isso era muito importante para o nosso bem e para o bem dos nossos filhos. Mas ele não fazia nada para mudar. Cheguei a pensar em abandoná-lo e levar comigo os meus filhos.

Finalmente, o meu pai deu-me uma memória de Mons. Escrivá e comecei a rezá-la com fervor e sinceridade, juntamente com os meus filhos. Pedíamos-lhe a conversão do meu marido, para que vencesse o vício da bebida.

Fiquei admirada ao ver como o meu marido ia mudando. Não foi de repente, mas pouco a pouco: via-se que queria tornar-se um bom esposo e que bebia cada vez menos.

Continuámos a rezar com mais fervor e, poucos meses depois, o meu marido mudou por completo. Agora, que deixou de beber, tornou-se o meu esposo amado e o bom pai dos seus filhos.

K.P., Tarnów (Polónia)

NOTÍCIAS SOBRE A CAUSA DE CANONIZAÇÃO DE MONS. JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

No dia 12 de Maio de 1981 começou no Vicariato de Roma o Processo Cognitivo sobre a vida e virtudes do Servo de Deus, e no dia 18 do mesmo mês teve também a sua primeira sessão o tribunal constituído na Arquidiocese de Madrid, para receber as declarações de uma parte das testemunhas.

O Processo de Madrid foi encerrado no dia 26 de Junho de 1984.

A Postulação da Causa de Canonização de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer apresentou uma extensa lista de testemunhas, que privaram pessoalmente com o Fundador do Opus Dei e que, com as suas recordações, acompanham toda a vida do Servo de Deus, desde a infância até à sua morte santa.

Também em Madrid, em 1982 e 1983, desenrolaram-se dois Processos Cognitivos sobre duas curas extraordinárias atribuídas à intercessão de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer: um tumor que desapareceu instantaneamente numa religiosa, e um linfoma maligno leucemizado, numa mulher catalã. Os tribunais recolheram os testemunhos e documentos médicos oportunos e remeteram-nos, para estudo, à Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO (...), em que não aparece a rigidez suspicaz de um «código», mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paternal solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando» (De «L'Osservatore Romano», 24-III-1950).

A primeira edição deste livro publicou-se em Fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Consideraciones Espirituales**. Desde então, as edições têm-se multiplicado cada vez mais rapidamente, alcançando o número de 189 edições, em 36 idiomas, com 3 141 395 exemplares.*

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo e da Virgem, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 65 edições, em 14 idiomas, com 391 300 exemplares.*

Temas actuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, focando os temas de maior importância para os respectivos leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu, por escrito e exaustivamente, às perguntas que lhe tinham formulado. Neste livro recolhe-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição publicou-se em 1968. A partir de então, publicaram-se 31 edições, em 7 idiomas, com 257 800 exemplares.*

Cristo que passa

O Livro recolhe algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer, ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. No estilo, conjugam-se a profundidade teológica e a clareza da exposição.

A primeira edição deste livro publicou-se em Março de 1973. Surgiram já 45 edições, em 8 idiomas, com 325 454 exemplares.*

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade com Deus. O livro, com o mesmo estilo íntimo e directo do anterior volume de homilias, foi publicado em 1977, contando-se já 27 edições, em 6 idiomas, com 229 973 exemplares.

O volume tem um prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei.*

La Abadesa de las Huelgas

Estudo teológico-jurídico. Uma investigação penetrante — realizada a partir das fontes e documentos originais — sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal, por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via-Sacra

Nova obra póstuma de Mons. Escrivá de Balaguer, truto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor. Foi preparada para ajudar a fazer oração e para crescer em espírito de dor pelos nossos pecados e de agradecimento a Jesus Cristo, que nos resgatou com o preço do seu sangue.

A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 19 edições, em 8 idiomas, com 177 264 exemplares.*

* Editados em português. Pedidos às livrarias ou às Edições Prumo Lda., Rua Bernardo Lima, 45.2.º — 1100 Lisboa.

ORAÇÃO

para a devoção privada

*Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se) **Ámen**.*

Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor pela intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Neste **Boletim Informativo**, reproduzimos apenas, por exigências de espaço, parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, na impossibilidade de o fazer nominalmente, as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas da edição e distribuição deste **Boletim Informativo**, e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

Este **Boletim Informativo** distribui-se gratuitamente. Os que desejarem ajudar, com as suas esmolas, aos custos da edição e envio desta publicação, podem enviar esses donativos à **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193, 1700 LISBOA; ou, então, por transferência bancária, para a conta D. O. 210/78730, do Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 LISBOA.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou memórias com a oração para a devoção privada.